

ICMS

Estados renunciaram a quase R\$ 19 bilhões com combustíveis

Estudo mostra que valor corresponde a três meses de arrecadação e congelamento não evitou reajuste. **Página 4**



Segurança ganha reforço com 189 oficiais militares

Foram 181 soldados e oito bombeiros militares que se formaram ontem para atuar em diversas regiões do estado. **Página 4**

Aeroclube agora é, oficialmente, do município de João Pessoa

Contrato com empresa de paisagismo para desenvolver parque será assinado no dia 15 de junho.

Página 13

Investimentos reduzem em 61,9% mortes maternas

Só em equipamentos, Governo do Estado investiu mais de R\$7 milhões para a rede materno-infantil.

Página 8

Botafogo denuncia o próprio torcedor por ato de racismo

Foto: Guilherme Drovos/Divulgação



Clube identifica autor de ofensas durante jogo no Almeidão, registra boletim de ocorrência contra torcedor junto à polícia e promete expulsá-lo do quadro de sócios.

Página 21

■ “Com que direito o bicho homem mata, sangra e esquarteja os outros animais para satisfazer sua fome histórica e ancestral? Diz o homem que os outros animais não têm a consciência da morte”.

Sitônio Pinto

Página 2

■ “Não é exagero dizer que ‘Me corte na boca do céu, a morte não pede perdão’ (do novo disco do cantor e compositor Criolo) é uma obra-prima, dessas com lugar garantido na eternidade”.

André Cananéia

Página 10

Foto: Thercles Silva/Funes



Funesc abre as portas para a memória

Fundação celebra Semana dos Museus com visitas guiadas e palestras gratuitas em seus equipamentos.

Página 9

Semob estuda ampliar faixas para bicicletas em João Pessoa

Projeto da Prefeitura quer ampliar de 101 quilômetros para 235 o espaço de ciclofaixas na capital.

Página 5

DNA faz Polícia Civil identificar autor de 10 estupros na PB

Paraíba já inseriu mais de 3,6 mil perfis genéticos em banco de dados nacional.

Página 6

Papa canoniza padre morto por nazistas

Foto: Vatican News



Ao todo, pontífice canonizou dez novos santos.

Página 16

A Covid em números

	CASOS	MORTES	VACINAS APLICADAS
NA PARAÍBA	603.591	10.217	8.754.215
NO BRASIL	30.698.711	665.056	432.669.412
NO MUNDO	521.127.460	6.263.321	11.704.901.584

Fonte - PB: SES-PB/ BR: G1/ Mundo: Microsoft Bing Covid-19 Tracker

Estudo mostra que pandemia prejudicou 82% dos MEIs

Levantamento do Sebrae comprova queda no faturamento e busca por empréstimos no período.

Página 17

MAIO AMARELO
Mês de Consciência no Trânsito
Desacelere!
Ceda!
Pare!
RESPEITE!
Fazer o trânsito mais seguro é mover-se pela vida.

'O CREPÚSCULO DO MUNDO'

Werner Herzog lança livro histórico

Cineasta alemão conta a história do soldado japonês que morou no Brasil e não viu o fim da 2ª Guerra Mundial

Ubiratan Brasil
Agência estado

O cineasta alemão Werner Herzog, conhecido por surpreender o público com personagens atípicos, não imaginou a dimensão da surpresa que provocou ao recusar o convite para uma audiência particular com o então imperador do Japão, Akihito, em 1997. Sua sinceridade rascante provocou um pesado silêncio no jantar no qual era homenageado. "Gostaria mesmo de conhecer Hiroo Onoda", emendou ele, selando o mal-estar.

Uma semana depois, Herzog se encontrou com Onoda, cuja história inspirou o livro *O Crepúsculo do Mundo*, lançado agora pela Todavia.

Trata-se da fantástica trajetória do tenente japonês Hiroo Onoda (1922-2014) que, em dezembro de 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, atendeu a uma ordem de seu superior de jamais se entregar ao inimigo ou mesmo de se suicidar. Onoda e outros três soldados estavam em uma selva nas Filipinas e, mesmo que seus colegas fossem capitulando, ele resistiu, recusando a render-se e quixotesicamente não aceitou o final da guerra durante décadas.

"Onoda manteve uma coerência de intensidade quase religiosa", contou Herzog ao *Jornal O Estado de S. Paulo*, em conversa via Zoom – sua voz, às vezes, tremulava por causa do frio que fazia naquele dia na Áustria, onde estava. "Ele não confiava nos panfletos lançados de pequenos aviões, tentando informá-lo de que a guerra havia acabado e ele deveria se render. Isso porque descobria erros que, na sua opinião, revelariam a má intenção daqueles papéis, como um pequeno equívoco na grafia em um dos caracteres japoneses ou a forma erra-

da como era grafado o nome de seu batalhão".

Em 1959, Onoda foi declarado legalmente morto no Japão, mas ele persistiu em sua missão até fevereiro de 1974, quando o governo japonês encontrou o oficial que lhe dera as ordens, major Yoshimi Taniguchi, agora um honrado livreiro. Ele rumou para a ilha Lubang, nas Filipinas, onde se encontrou com Onoda e ordenou oficialmente que ele depusesse as armas. Trêmulo, o soldado finalmente aceitou o final da guerra, encerrando uma aventura de quase 30 anos.

"Cheguei a pensar em fazer um filme da história, mas logo ficou claro que havia poesia nessa guerra inventada, nesse fascinante jogo em que a verdade é relativa, portanto, teria de ser algo escrito", conta Herzog que, ao longo de sua frutífera carreira como cineasta, retratou personagens extraordinários como os exploradores Lope de Aguirre (em *Aguirre, a Cólera dos Deuses*) e Brian Sweeney Fitzgerald (em *Fitzcarraldo*), preocupado em mostrar os efeitos mentais e emocionais sofridos por esses homens em situações-limite.

Onoda se encaixa bem nesse perfil – quando voltou ao Japão, ainda em 1974, foi recebido por uma multidão de oito mil pessoas, aclamação transmitida ao vivo pela televisão. Como o país vivia sua pior crise econômica em 20 anos, a imagem de Onoda chegou a ser usada como exemplo das tradicionais virtudes japonesas, como bravura, lealdade e orgulho. Mas também serviu como argumento crítico aos que o identificavam como a personificação do militarismo.

"Na verdade, ele não era uma pessoa insana", observa Herzog, lembrando o encontro que teve com o ex-militar. "Onoda era prático, fazia

observações precisas sobre o que vivenciou naqueles anos e só sobreviveu porque era um bom soldado. Por isso, ficou decepcionado com o que se transformou seu país, em uma nação consumista".

Gado

Assim, depois de visitar as famílias dos companheiros mortos na guerra, Onoda decidiu se mudar para Mato Grosso, onde já vivia Tadao, seu irmão mais velho. "Foi criando gado no Brasil que ele se sentiu um homem seguro. Como escrevo no livro, lá o coração de Onoda batia no ritmo do dos animais, assim como sua respiração acompanha a deles. O meio ambiente pouco desbravado era essencial para a manutenção da sua própria vida, tanto que, ao voltar para o Japão, abriu a Escola da Natureza, estabelecimento privado em que ensinava técnicas de sobrevivência".

As andanças de Onoda fazem total sentido para Herzog, acostumado a trabalhar em inúmeras partes do mundo. "O mundo se revela para quem viaja a pé", ensina ele, que chegou a escrever um outro livro, *Caminhando no Gelo*, em que relata sua viagem a pé entre Munique e Paris, na década de 1970 – foram mil quilômetros percorridos durante três semanas com uma bússola, um par de botas e uma bolsa.

O sacrifício era uma homenagem a uma amiga querida, a crítica Lotte Eisner, que estava gravemente doente. "Não há muita explicação. Mas, de Juazeiro do Norte às montanhas austríacas, foi assim que moldei minha compreensão do mundo. Já disse isso algumas vezes, mas volto a repetir: meu conselho aos cineastas é: andem mil milhas – vale muito mais do que três anos de escola de cinema".

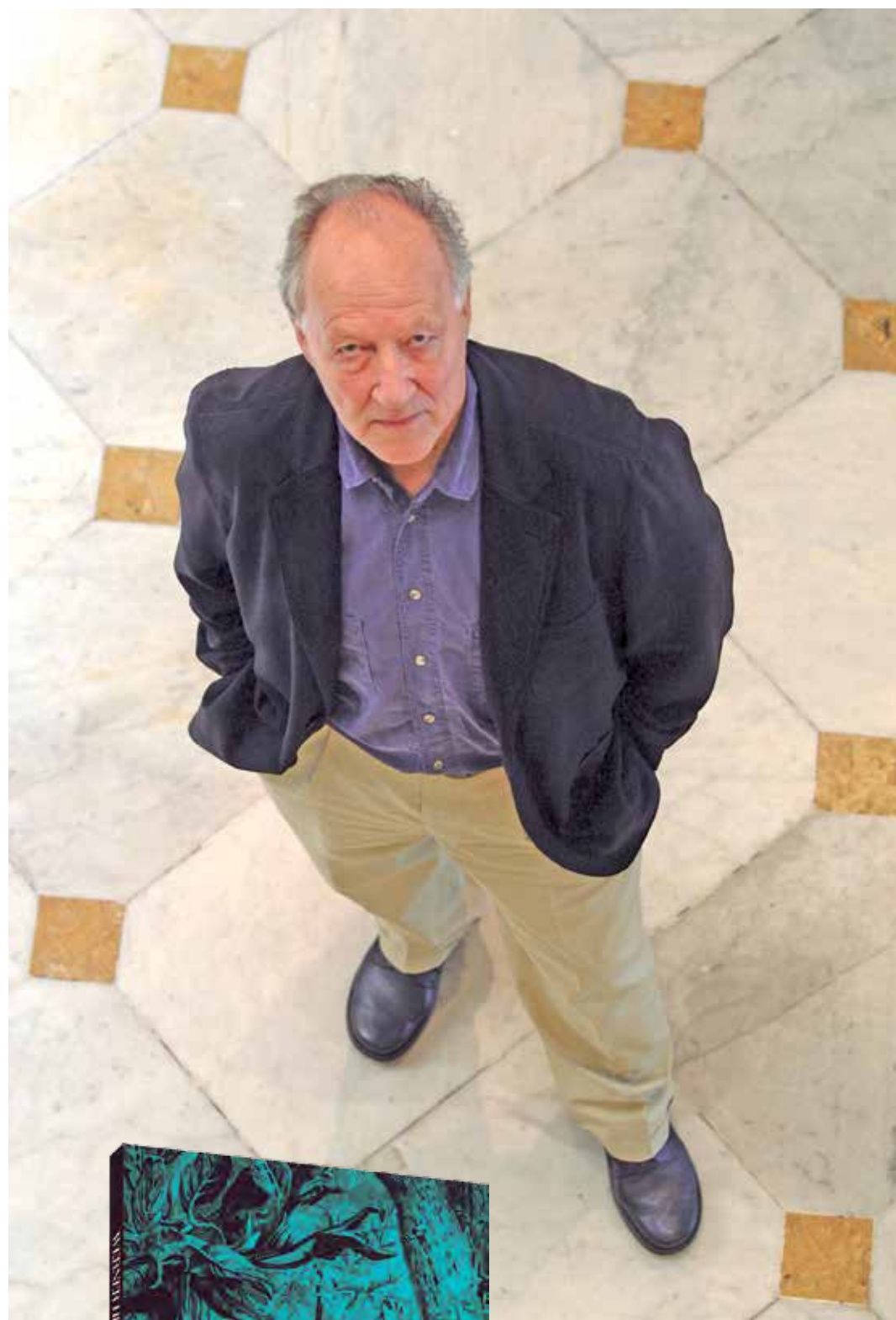


Foto: Fábio Motta/Estadão Conteúdo



Imagem: Todavía/Divulgação

Na obra, Herzog (acima) mostra a trajetória do tenente japonês Hiroo Onoda (1922-2014), que atendeu a uma ordem de seu superior de jamais se entregar ao inimigo, ou mesmo de se suicidar durante a Segunda Guerra Mundial

LITERATURA

Obra de paraibano indicado ao Jabuti está em pré-venda

Imagem: Moinhos/Divulgação



Quarto livro de Tiago Germano será lançado no próximo mês

Da Redação

"Uma narrativa que põe o dedo na ferida de práticas que perduram, que passam de geração a geração, projetando para o presente valores de um passado patriarcal". Assim define Rinaldo de Fernandes *O que pesa no Norte* (296 páginas, R\$ 59,90), quarto livro do escritor paraibano Tiago Germano. A obra se encontra em pré-venda no site oficial da Editora Moinhos (editoramoinhos.com.br) até o próximo dia 20.

Segunda incursão pela narrativa longa do autor de *A mulher faminta* (Moinhos, 2018), o romance terá lançamento oficial previsto para o mês de junho, em João Pessoa.

Tendo passado pelo conto na antologia *Catálogo de pequenas espécies* (Caos e Letras, 2021) e estreado na literatura com as crônicas de *Demônios Domésticos* (Le Chien, 2017), coletânea indicada ao Prê-

mio Jabuti na época, o paraibano consolida seu nome na prosa com um trabalho que foi fruto de seu mestrado em escrita criativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), instituição na qual cursou ainda o doutorado e se destacou com uma pesquisa que tratou de temas como o deslocamento e a identidade geográfica e sexual.

"Minha trajetória pessoal é marcada por migrações", diz Tiago Germano, que nasceu em Picuí, no Seridó (a 226 quilômetros de João Pessoa), e chegou a morar em São Paulo e em Porto Alegre antes de se radicar em definitivo na capital paraibana, onde fundou a escola de escrita Edícula Literária com a esposa, a também escritora Débora Ferraz. "Elas (as migrações) influenciaram bastante a composição da narrativa, que como o título sugere inspira-se ainda no desaparecimento do cantor Belchior".

É do cantor e compositor de Sobral (CE), por sinal, a epígrafe que recupera versos da canção 'Fotografia 3x4' (do álbum *Alucinação*, de 1976). "Ele estava em seu ostracismo voluntário enquanto eu escrevia o livro", explica Germano. "E achei que a canção era a trilha sonora perfeita para o livro, que conta a história de um pai que parte em busca do filho, que 'se perdeu' numa metrópole perseguindo um sonho".

Nas palavras de Rinaldo de Fernandes: "A busca de Ricardo por Guilherme, indo da Paraíba para São Paulo atrás de resgatar para o núcleo familiar o seu filho que 'se perdeu', é dramática. Ricardo, um pai autoritário, áspero, com a sua carga de valores, é de fato um peso para a família, especialmente para o filho Guilherme. Estudante de direito, Guilherme quebra as expectativas paternas quando resolve op-

tar pelas artes cênicas. Ana, a esposa de Ricardo, tem valores opostos aos do marido – é afetiva, protetora dos filhos. E foi sendo moldada por Ricardo para cumprir o papel que cabe à mulher no núcleo patriarcal – o de dona de casa, cuidadora da prole. Gustavo, o outro filho do casal, é desde cedo mais 'macho' do que Guilherme, e mais afinado com os valores de Ricardo – e por isso não sofre os preconceitos e punições do pai".



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Editora Moinhos